

DESPEDIDA. Projeto literário em parceria com a escritora Arriete Vilela tem encerramento nesta edição, após quase 50 publicações que revelaram aos leitores pensamentos, ideias e opiniões de poetas, escritores, intelectuais, historiadores e fotógrafos acerca de frases célebres de pensadores universais

+ Dos "caipira piraporas" ao universitário, o sertanejo é tema de duas obras recém-lançadas. B2



Sábado 25/07/2015

PORQUE HOJE É SÁBADO



ALESSANDRA VIEIRA
EDITORA DE CULTURA

Foram quase 50 publicações, dezenas de e-mails, telefonemas, conversas e muita realização e satisfação. Desde o dia 6 de setembro de 2014, quando o Caderno B, juntamente com a escritora Arriete Vilela, inaugurou um projeto valioso voltado para literatura, os sábados da **Gazeta de Alagoas** e dos seus leitores nunca foram tão literários.

Bem-sucedida, a iniciativa chega ao fim hoje, após revelar durante quase um ano pensamentos, ideias e opiniões de poetas, escritores, intelectuais, historiadores e fotógrafos acerca de frases célebres de pensadores universais. "Deixar a página 'Porque hoje é sábado', da **Gazeta de Alagoas**, foi uma decisão absolutamente minha. Não por questões outras que não as da literatura, a qual é umas das minhas prioridades de vida", explicou Arriete

Além de outros compromissos – pessoais, familiares, e viagens para lançamentos e palestras –, a escritora e coordenadora do projeto, no ano da VII Bienal Internacional do Livro de Alagoas, da Universidade Federal de Alagoas, pretende lançar novo livro de poemas, *Abraços etc.*, relançar *Grande baú, infância* (já na 4ª edição) e a segunda edição do infantojuvenil *Alzirinha*. "Cuidar desta página foi muito bom, prazeroso e enriquecedor. Dividi com a comunidade alagoana, por praticamente um ano, o preparo intelectual e a sensibilidade de muitos conterrâneos".

Certamente, esses motivos já seriam suficientes para justificar a decisão de suspender a parceria, contudo, se não bastasse, a escritora Arriete Vilela também administra a Oficina de Leitura e Escrita Criativa, onde promove cursos de leitura e discussão de obras clássicas, a exemplo de *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiév-

ki; *Ulisses*, de J. Joyce; *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa; *O pai Goriot*, de Balzac, e de obras de autores contemporâneos, atividade que também demanda seu tempo, disciplina e dedicação. "Agradeço a Alessandra Vieira, editora deste Caderno B, pelo convite, pela confiança e por acatar as minhas sugestões. Foi uma parceria agradável, feliz, vitoriosa. Agradeço aos/às leitores/as que incentivaram a iniciativa com palavras elogiosas. E agradeço às pessoas que, tão gentilmente, aceitaram o desafio...", falou.

Segundo Jorge Barboza, um dos participantes, o projeto foi uma das coisas mais gratificantes como profissional de jornalismo. "E, olhe lá, como artista que ainda me julgo ser. Foi uma das experiências mais marcantes que me ocorreram nesses dez anos desde que retornei de São Paulo a Maceió. Além do meu próprio esforço editando primeiro a revista *Urupema* e agora o site *Alagoas Boreal*, coisas que me mantêm em dia com o céu e a terra, falar de arte, trabalho e vida pessoal com Arriete para os leitores dela (e os seus) no Caderno B da *Gazeta*, foi no mínimo revigorante", afirmou.

Já para o escritor Ricardo Cabús, a página aos sábados no caderno de cultura da *Gazeta* é um bem precioso. "Um espaço inteligente, onde a anfitriã fez o convidado sentir-se em casa. Um trabalho de uma artesã das palavras. Através de citações de clássicos, podemos conhecer lascas dos que fazem literatura por essas bandas. Orgulho-me de ter tido a oportunidade de participar", garantiu.

Embora a página "Porque hoje é sábado" tenha tido, eventualmente, a participação de pes-



Arriete Vilela. "Dividi com a comunidade alagoana, por praticamente um ano, o preparo intelectual e a sensibilidade de muitos conterrâneos"

soas de outros lugares do País, os alagoanos foram as grandes estrelas da página e, ao olharmos para o todo, a certeza é a de que os comentários elaborados por cada um dos participantes confirmaram que Alagoas é um Estado de pessoas criativas, competentes e sensíveis.

E, para matar a saudade (que já é grande), abaixo alguns dos "diálogos" publicados.

"Não me digas que a lua está brilhando; mostra-me o seu reflexo num caco de vidro." (Tchekhov)

A arte tem sempre a resposta para as indagações do cotidiano. De nada adianta defender uma ideia, a do socialismo, por exemplo, se eu não a exercito na prática, ou seja, nas minhas ações mais triviais, como, por exemplo, tratando dignamente a nossa empregada doméstica, a pessoa que nos serve, que limpa nossos restos. Isso sig-

nifica dizer que a defesa de uma ideia pressupõe, antes de mais nada, o seu exercício individual. Que a lua está brilhando, não precisa que se diga; basta levantar a cabeça e olhar para o céu, agora, mostrá-la com o todo o seu reflexo e encanto, seja num caco de vidro ou na poça d'água, seja na palidez da noite ou no rosto humilde dos excluídos, seja na margem do rio ou na opulência da serra, aí, sim, a lua assume uma proporção muito maior, porque não escolhe classe para iluminar ou refletir.

Otávio Cabral, professor e poeta

"O que é a Nona Sinfonia ao lado de uma modinha de rua, tocada por um realejo e por uma lembrança?" (Karl Kraus)

Acredito que são parâmetros diferentes que regem as possibilidades de fruição ao que é erudito ou popular. Se temos o entendimento de que a gênese está no popular, perceberemos no erudito uma evolução do que lhe precedeu. Tenho a teoria de que o belo está no simples. Porém, não se consegue o belo simplesmente por ser simples. Facilmente se conseguirá o simplório e, dificilmente, nele, o belo estará contido. Portanto, há que se ter uma evolução para que, depois de rebuscamentos e complexidades, se volte ao simples, aí, sim, com a possibilidade da existência do belo. Uma sinfonia, sob o meu modesto ponto de vista, é o ápice desse rebuscamento, refinamento e complexidade para se chegar ao belo. Portanto, facilitará ao fruidor ter a compreensão dos caminhos percorridos pelo erudito até o arebatamento sensorial pelo qual o belo se estabelece em sua complexidade. Feitas essas comparações,

onde os extremos se encontram por meio do belo, o grande poder da arte se faz acontecer. E qual seria esse poder, senão a entrega absoluta e total da própria arte aos domínios das emoções e sentimentos do fruidor?

Mácleim Damasceno, jornalista e músico

"Os homens esquecem que a felicidade humana é uma disposição da mente, e não uma condição das circunstâncias?" (John Locke)

Particularmente, acho interessante esquecer e seguir praticando a felicidade circunstancial, principalmente quando bem acompanhado de minha mulher, Vera, família e amigos. Tomar umas taças de vinho, umas boas doses de cachaça ou uísque ao som dos acordes de boa música são hábitos que potencializam e ampliam a sensação de felicidade. Bons livros, bons filmes e fazer o que gosta também produzem o mesmo efeito. E, independentemente da sensação ser apenas fugaz, o cérebro arquiva e perpetua o momento vivido. A mente fica ainda mais disposta quando recebe uma ajudinha das circunstâncias. Eu acho.

Pedro da Rocha, diretor e produtor de cinema

"Mas o contrário de um sonho o que é senão um outro sonho? Um sonho de vigilância e de tensão que a própria Razão faria!" (P. Valéry)

Concordo, com pequena ressalva: adoro sonhar, desejar, e quando não realizo um sonho, busco outro. Sou pragmática na minha alegria. Mas o termo sonho remete a muitos significados diferentes, é uma rede semântica infindável; o sentido proposto por P. Valéry remete a uma contraposição importante e bem cerebral. Um sonho vigilante. Gosto disso.

Vera Romariz, escritora e professora. o